

Herbert Marcuse: *Um ensaio sobre a libertação*. São Paulo: Politeia, 2024, 192 págs.

Em um ensaio tornado clássico, Roberto Schwarz (1978) salienta uma das contradições dos momentos iniciais do mais recente período ditatorial brasileiro (1964-1985). Dizia ele, em *Cultura e política, 1964-1969*, que no país o governo era de direita, mas a cultura andava pela esquerda. Com a devida ressalva de que, embora profícua, a produção cultural avançada se destinava a não mais que alguns milhares de pessoas dispostas a encarar o teatro de vanguarda, a música popular mais elaborada, a poesia marginal e o cinema novo, o grande crítico tinha razões para o surpreendente diagnóstico. Uma delas é que se publicava livros no Brasil que na Europa eram lidos nos círculos simpáticos ao socialismo, como foi o caso da edição contínua dos *Cadernos do Cárcere*, de Antonio Gramsci, em traduções dos volumes temáticos organizados por Palmiro Togliatti e Felice Platone. A obra do filósofo italiano, cujo eixo central se organiza em torno da análise das condições de possibilidade para a transformação de sociedades que ele chama de complexas, teve grande presença na construção do pensamento crítico e, décadas depois, na reconstrução da democracia nacional.

Outro exemplo do paradoxo exposto por Schwarz (1978) era a presença nas livrarias, em edições sucessivas, de alguns dos mais importantes livros de Herbert Marcuse, como *Razão e revolução: Hegel e o surgimento da teoria social* e *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*, ambos publicados pela primeira vez em 1967, pela editora Zahar, do Rio de Janeiro. O último, aliás, com título e subtítulo trocados em relação ao original em inglês, já que, ao que consta, considerou-se que o volume geraria mais interesse se assim fosse (há quem diga, no entanto, que a decisão teria sido motivada pela tentativa de driblar a censura do governo militar, embora seja difícil saber como que um título com a palavra “ideologia” poderia aumentar as chances de que a obra saísse ilesa da tesoura dos funcionários do regime). Apenas em 2015, pela Edipro Edições, tivemos uma nova tradução que, intitulada *O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada*, restaurou a proposta original. O autor provavelmente tinha em mente *Mensch* para designar o gênero humano, ao mesmo tempo em que o usual em inglês era *Man* (homem) para a mesma nomeação, sendo então correta a escolha dos responsáveis pela versão em português (Deborah Christina Antunes, Rafael Cordeiro Silva e Robespierre de Oliveira). Ao mesmo tempo, não se pode deixar de notar nossa dificuldade em superar o sintagma “homem” para nos referirmos a ser humano.

Marcuse era assunto tão corriqueiro nos círculos intelectuais brasileiros, que dois de seus livros ganharam à época as páginas do principal jornal de oposição à ditadura. Tratava-se do Pasquim, hebdomadário que mesclava crítica, entrevistas, reporta-

gens e humor. No último número de 1969, Luís Carlos Maciel (1981) fala da complexidade dos escritos, defendendo seu autor da acusação reacionária segundo a qual ele comporia a “esquerda pornográfica”. Reiterando a força das teses sobre a autorregulação pulsional e a dessublimação repressiva, o articulista mostra que o alemão radicado nos Estados Unidos da América (EUA), longe de ser um “filósofo lúbrico”, é alguém que, nos termos da construção da liberdade, mostra o quanto a pornografia e outras práticas são aprisionantes, reforçando a repressão, ao invés de diluí-la, como se supunha:

“Eu repito que Marcuse é um pensador denso e difícil. Mas o que ele quer dizer é bastante claro. A dessublimação repressiva excita o instinto para adoecê-lo. Homens com instintos doentes são mais submissos ao sistema de dominação.

Pode haver sacanagem maior do que essa, no que diz respeito ao sexo? Naturalmente, o leitor já identificou na dessublimação repressiva de Marcuse, a mesma coisa que Ziraldo chama de “a direita sexual”. [...] O que a pornografia faz é envilecer a vida instintiva de seus consumidores.” (Maciel, 1981: 60).

A circulação do pensamento de Marcuse no Brasil crescia. Em 1968 foi publicado *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*, e o começo da década seguinte viu chegar às estantes dos simpatizantes da esquerda e também da contracultura os livros *Ideias sobre uma teoria crítica da sociedade* (1972) e *Contrarrevolução e revolta* (1973). Todos saíram igualmente pela Zahar, casa editorial, aliás, de grandes serviços prestados à cultura e à boa reflexão nacional. Em meio a tamanho impulso, não deixa de chamar a atenção uma notável ausência. *An Essay on Liberation*, surgido em 1969, nos EUA, tardou mais de cinco décadas para ser publicado no país. Leitoras e leitores que não podiam acessar a versão original, tampouco a ótima tradução para o alemão, do mesmo ano (*Versuch über die Befreiung*), liam a edição em castelhano, editada no México (*Un ensayo sobre la liberación*), a italiana (*Saggio sulla liberazione*) ou a francesa (*Vers la libération*), igualmente disponíveis já em 1969. Esse movimento de rápida disseminação mostra a força do autor e a importância de suas ideias, à quente, naquele final dos anos sessenta.

Demorou oito anos para que a obra surgisse em Portugal (sob o título *Um ensaio para a libertação*), mas, como costumava e costuma acontecer com os livros de além-mar, ela pouco circulou na ex-colônia sul-americana. Apenas em 2024 *Um ensaio sobre a libertação* ganhou forma no Brasil, pelas mãos da Editora Filosófica Politeia, de São Paulo, em tradução de Humberto do Amaral. A obra vem encorpada com o prefácio de Wolfgang Leo Maar, uma breve nota sobre o que seriam as particularidades da edição, de autoria de Juliano Bonamigo Ferreira de Souza, e ainda com um

texto, escrito por Silvio Carneiro, que apresenta a Coleção *Grande Recusa*, da qual o livro é o primeiro volume (o segundo é *Ecología e revolução em Herbert Marcuse*, organizado por Marília Mello Pisani). Índices onomástico e remissivo se somam ao todo, que também acolhe a bibliografia e um sem-número de notas explicativas que pretendem situar, para o leitor menos familiarizado com a época em que Marcuse publicou seu livro, o contexto cultural, político, histórico e intelectual daqueles anos.

O aparato que compõe a obra é muito útil, ainda que se possa discordar de algumas explicações em notas finais e que o breve e meritório texto de Ferreira de Souza deixe de lembrar, ao destacar o que seria inédito na edição em tela, o esforço que a editora zu Klampen, da Alemanha, fez (e segue fazendo) com a edição crítica das obras de Marcuse. Aqui mesmo, em *Constelaciones*, se pode encontrar um comentário de José Manuel Romero Cuevas (2009), feito há dezesseis anos (!), sobre os *Schriften* que, publicados entre 2004 e 2009, somam mais de três mil páginas. Há também pequenos problemas de revisão de texto, que não diminuem a importância do projeto, tampouco o valor que se deve reconhecer nos editores e colaboradores do notável empreendimento tornou possível termos esse livro no Brasil.

Publicação que, aliás, tem algo de um potente anacronismo, e que nos chega em momento de forte ascensão de tudo aquilo que Marcuse criticava há quase sessenta anos. Por um lado, *Um ensaio sobre a libertação* pertence a um mundo que já não existe, o da Guerra Fria e dos tempos prévios à internet, anos nos quais havia uma aposta muito forte na juventude como protagonista de uma história que já não seria transformada pelos trabalhadores – tampouco pelos jovens, diz o autor, que, no entanto, poderiam, ao menos, disparar a faísca da mudança, uma vez que seriam, junto com outros grupos e coletivos marginalizados, os que produziram e incorporariam uma dimensão fundamental para o processo de mudança social: a nova sensibilidade. É neste sentido que as notas explicativas do livro são muito bem-vindas, inclusive porque a historicidade é algo cada vez mais ausente na atual dinâmica reflexiva (ou no simples desaparecimento de qualquer reflexão), contaminada pela fúria do presentismo e do esquecimento. Por outro lado, é irônico que o livro chegue ao Brasil em momento regressivo – em que “liberdade” é uma palavra e um conceito em disputa – e de enorme presença do que podemos chamar, como Furio Jesi (2011) o fez criticamente, de cultura de direita. Guardadas os necessários distanciamentos históricos e conjunturais, o texto de Marcuse trafega no sentido diametralmente oposto ao fenômeno criticado pelo italiano. A proposta é radicalizar uma cultura de esquerda.

Entendido pelo próprio autor como desdobramento de trabalhos anteriores, *Um ensaio sobre a libertação* retoma tópicos importantes de *Eros e civilização* e de *O homem unidimensional*, ao mesmo tempo em que amplia e aprofunda o debate ao confrontar-se com questões políticas, culturais e subjetivas que se impunham. Mais que isso, Marcuse procura os movimentos que sintetizam e expressam a dinâmica histórica, elaborando conceitos e observando tendências que dali derivam. Identifica nisso os pontos de ruptura possíveis, onde o capitalismo, como perverso sistema totalizante, vê a oposição crescer. Há algo de desesperançada esperança na escrita, sustentada, no entanto, pelo reconhecimento de que a força se coloca, precisamente, no que parece incipiente e frágil, especialmente, como antes sugerido, nas ações, linguagens e afetos de grupos e práticas marginais à unidimensionalidade.

Para que a esperança encontre seu melhor destino, diz Marcuse, precisamos da nova sensibilidade, de maneira que expressões estéticas, necessidades e desejos sejam outros, já não vinculados à ordem capitalista, mas em perspectiva de superá-la, processo para o qual a educação política é dispositivo dos mais importantes. A própria biologia de cada um deveria sofrer as mudanças que correspondessem ao novo estado de coisas – a questão é, como se lê em nota do autor, correspondente à construção de uma segunda natureza. Um dos sinais que anunciam esse desenvolvimento seria o emprego de palavras com sentido diverso do original, expressões que a contracultura colocou a serviço de si, como “viagem”, agora relacionada ao estado de distensão onírica ao qual o consumo de maconha poderia levar. Apesar dos limites da concepção de estética com a qual opera, e do excesso de expectativas na politização do corpo, não há elogio do escapismo, pelo contrário.

Sendo, em sentido enfático, um panfleto, *Um ensaio sobre a libertação* coloca questões essenciais para um tempo que, como antes destacado, é outro em relação ao nosso. De qualquer forma, há tópicos que se mantêm vivos para o enfrentamento do presente. A juventude hoje tende em grande parte ao reacionarismo, assim como os trabalhadores veem (ou nem mesmo isso) desabar os resquícios da autoconsciência coletiva. Em contraposição, Marcuse mostra as complexas relações entre etnia e classe, e evoca a solidariedade como um valor a ser cultivado. Por seus acertos e erros, seu bom e mau envelhecimento, é leitura não apenas útil, mas inspiradora. Em tempos de desorientação e distopia, é muito bem-vinda essa publicação no Brasil.

Alexandre Fernandez Vaz

alexfvaz@uol.com.br

REFERÊNCIAS

- JESI, Furio. (2011). *Cultura di destra*. Milão: Nottetempo
- MACIEL, Luís C. (1981). *Negócio é o seguinte*. Rio de Janeiro: Codecri. (Coleção Edições do Pasquim).
- ROMERO CUEVAS, José M. (2009). MARCUSE, Herbert: *Nachgelassene Schriften in 6 Bänden, Springe: zu Klampen, 1999-2009, 3.015 págs*. Constelaciones: Revista de Teoría Crítica, ano 2009, n.1, p. 209-211.
- SCHWARZ, Roberto. Cultura e política, 1964-1969. In: *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.